



CAMINHO DE FERRO DO CAIRO.

VOL. V.—3.ª SÉRIE.

DEZEMBRO, 20, 1856.

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

CAMINHO DE FERRO DO CAIRO.

Encurtaram-se as distancias na Europa, com o estabelecimento das linhas ferreas. A America ingleza acompanhou n'esta parte da sciencia a Europa, com uma vontade, com um zelo, que realmente se pode dizer que excedeu esta parte do velho mundo. Restavam as outras partes do mundo conhecido. Estas não quizeram ceder a palma ás mais illustradas.

Hoje o viajante asiatico já se não subjeita aos incommodos e fadigas de jornadas, como por exemplo, as de Alexandria ao Cairo, em que levava tres dias, pelo menos, e hoje faz este trajecto em sete horas.

Esta parte do caminho de ferro que hade ser a grande arteria de Alexandria ao mar Vermelho, já se acha completa. Para completar este rapido meio de viabilidade até Suez, falta a secção que hade seguir do Cairo a este ponto.

O trajecto desde Alexandria até ao Cairo, que está concluido, como dissemos, foi principiado sob os auspicios do fallecido vice-rei Abbas-pachá. Esta linha seguiu atravez a Rosetta e Damietta, que são ramificações do Nilo, e cortando o delta, acaba no Cairo. Fora das muralhas d'esta cidade, junto da porta Bab-el-Hadid, que quer dizer *porta de ferro*, se levantou a estação, que felizmente ficou situada no magnifico ponto da estrada que atravez os excellentes jardins do pachá desemboca em Soohbra, que é o ponto onde está situado o palacio preferido por Mahomet-Ali na estação invernal.

Do eirado da estação do caminho de ferro descobre-se o magnifico panorama do Cairo, e o deserto estendendo-se para o oriente na direcção de Suez, destacando no fundo, para o lado do poente, as pyramides de Gizeh.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1589 — 1592)

Continuação.

«A 13 de setembro chegou a mencionada armada á ilha do Corvo, perto da qual estavam os inglezes com uma armada de dezeseis naus, esperando a armada da India de que já tinham capturado alguns navios. O almirante inglez Thomaz Hauwer conhecendo a força da armada real, ordenou aos seus que não atacassem navio algum, nem se afastassem da sua nau. Porém o vice-almirante Ricardo Groenwelt, não obstante a ordem do almirante, com a nau que chamavam Revengam (*Revenge*—vingança) atacou toda a armada hespanhola, e mettendo-se no meio d'ella, disparou com toda a força a artilheria. Porém, desamparado dos seus, que o não seguiram com igual ardor, foi logo cercado por seis ou sete naus. Combate valorosamente, defende-se e faz damno aos inimigos, destruindo-lhes e mettendo a pique dois navios, um galeão ainda novo de seiscentas toneladas, e outro de Biscaya. Finalmente depois de um combate de quasi doze horas, foi aprisionado. Tinham morrido dos hespanhoes quatrocentos, e dos inglezes cem, tendo o mesmo Groenwelt recebido uma ferida de um tiro de balista na cabeça, de que pouco depois morreu. Foi levado ferido para a nau *S. Paulo*, onde ia Alonso de Bassan, commandante em chefe da armada hespanhola. Ahi o cirurgião hespanhol ligou-lhe a ferida. Porém Alonso recusa-

va conversar com elle, indo comtudo vê-lo os outros nobres. Finalmente, com grande presença d'espírito, porque a ferida era mortal, preparou-se para a morte, declarando primeiro, que desamparado e atraído pelos seus com execranda cobardia, morria com grande tranquillidade do seu espirito, fiel á rainha, e até então coberto de muita gloria. Apenas morreu foi o cadaver lançado ao mar. Era este Ricardo da alta nobreza d'Inglaterra. Estimulado pela guerra, espontaneamente se offereceu á rainha. Era illustre por muitas acções de valor, temivel para os insulares, e famoso general. Porém egualmente molesto e temivel aos seus por sua natural crueldade, governava com deshumanidade. Como a sua nau fosse muito veleira os marinheiros apenas viram que Ricardo fóra abandonado pelos seus, quizeram interpretar isso, e fugir ao perigo manifesto. Porém Ricardo lh'o obstou ameaçando com tormentos aquelles que tocassem nas velas, e com tamanha intrepidez se entregou e os seus á morte. Com insigne perseverança da natureza partia com os dentes e engolia copos vãos nos banquetes solemnes, sendo horrivel-ver-lhe a bocca e as gengivas, ensanguentadas e retalhadas pelo gume do vidro. Os vencedores distribuiram pelos navios os inglezes que sobreviveram, a saber, o capitão, o piloto, e outros, com os quaes depois navegaram para a Terceira, para repararem os navios que tinham padecido estragos n'este combate. Portanto parti com o meu companheiro afim de examinar o concerto, e embarquei-me na grande nau de Biscaya, chamada *Os Doze Apostolos*, commandada por Bertandono, que n'outro tempo fóra commandante das naus de Biscaya na armada hespanhola. O commandante chamou-nos apenas nos viu, tratou-nos benignamente, e convidou-nos para o jantar que começava. O capitão inglez prisioneiro tomava parte n'elle, vestido com um gibão de veludo de seda, preto. Nada lhe pudemos perceber, porque além das linguas ingleza e latina (que tambem Bertandono d'algum modo fallava) nenhuma outra conhecia. Depois alcançou do governador licença para andar pela ilha, na qual passeou d'espada á cinta (honra que lhe tinha sido concedida), e entrou na nossa hospedaria, e conversou com aquelle mercador inglez cujos companheiros fugiram, como contámos, e foi honrosamente convidado pelo governador para um banquete. O piloto, que tinha sido conduzido para a ilha, tambem estava na nossa hospedaria, ferido em algumas dez partes, e d'estas feridas afinal morreu entre Lisboa e as ilhas. O capitão inglez escreveu cartas para o almirante d'Inglaterra, nas quaes lhe relatava o acontecido, deixando estas cartas ao mercador inglez para as fazer enviar. Sendo depois conduzido a Lisboa foi humanamente tratado pelos portuguezes que de Setubal o mandaram para Inglaterra, com os outros prisioneiros inglezes.

«Até ao ultimo de setembro ainda a armada hespanhola permanecia junto á ilha do Corvo, reunida então aos navios das Indias hespanholas, formando uma armada de cento e quarenta velas. Porém quando se preparava a navegar para a Terceira, levantou-se de repente extraordinaria tempestade, como dizem os insulares nunca houvera memoria. Era tanta a furia do mar que as ondas venciam os altos e escarpados rochedos da Terceira, onde arremessavam os peixes vivos. Durou esta horrivel tormenta por espaço de sete ou oito dias, com terrivel ruido das ondas e do vento, que causava horror mesmo a nós que estávamos a seguro na ilha. Entretanto os

navios agitavam-se no vasto oceano, ou despedaçados contra os rochedos desapareciam pouco a pouco, não se vendo por toda a parte senão taboas partidas e cadáveres que fluctuavam em diversas direcções para attestarem continuas calamidades. Soubemos de mais de doze navios que assim se despedaçaram junto á Terceira, de modo que durante vinte dias depois d'esta horrorosa tempestade, não se fez outra coisa senão recolher os cadáveres que o mar arrojava á praia. Até a mesma nau ingleza *Revenge*, pouco antes tomada aos inglezes, se partiu contra um rochedo junto á costa da Terceira, perecendo setenta homens, entre gallegos, biscainhos, e alguns prisioneiros inglezes que tinha a bordo, sobrevivendo tansómente um, que lançado pela violencia do mar sobre os escolhos, com a cabeça partida e o corpo cheio de feridas, annunciava o exodo d'esta tragedia. Implorando perdão de seus peccados, de que fazia publica confissão, morreu pouco depois. A nau *Revenge* fôra artilhada com peças de bronze, que todas o mar enguliu, restando aos insulares a esperança de as salvar no tempo de bonança. Entre os navios que se quebraram perto da Terceira, conta-se tambem uma belga, por nome *Pomba Branca*, de que era piloto Cornelio Martinho de Scheidam, hollandez. Este como, apesar dos esforços do capitão e dos sôldados que levava, em numero de cem, fosse impellido a capricho da tempestade para uma e outra parte, e avistasse a ilha Terceira, foi compellido e obrigado com ameaças, e até com açoites, a aproximar-se a ella, e a aproar a terra que na sua dannonosa ignorancia presumiam que era o porto. O piloto resistiu, porém debalde, porque lh'o ordenou o capitão. Sendo já avançado em idade, e vendo a morte debaixo de todas as formas, aproximando-se á terra, chamou um filho que comsigo trazia, e abraçando-o estreitamente lhe pediu como derradeira vontade, que procurasse todos os meios de salvar-se, admoestando-o a que não tivesse cuidado algum d'elle. No entretanto a nau bateu contra os rochedos fragosos e horriveis que n'aquelle sitio cercam a ilha, e fez-se pedaços, apartando-se o pae, o filho, e os outros companheiros, cada um para seu lado. Havia alguns insulares que tinham atado troncos na extremidade de cordas para assim os arrastarem para terra, porém tudo foi baldado pela turbulencia do mar, de modo que de tamanho numero de homens apenas se salvaram quinze, e esses mesmos com as pernas partidas e os braços dilacerados. Entre estes viam-se o filho d'aquelle piloto, e quatro mancebos belgas. Os outros hespanhoes, bem como o capitão e o piloto sorveu-os o mar. Em torno das outras ilhas não foi menor a destruição; porque perto de S. Jorge perderam-se duas naus, junto ao Pico outras tantas, na Graciosa tres, de modo que o mar estava inteiramente coberto de taboas, o que era um horrivel espectáculo. Junto á ilha de S. Miguel o mar enguliu quatro navios, e entre a Terceira e S. Miguel tres, chegando os gritos dos naufragos até aos ouvidos dos insulares. Os outros navios conservaram-se ao largo desmastreados, e quasi destruidos, de modo que de cento e quarenta navios só trinta e dois ou trinta e tres chegaram a Hespanha e Portugal, depois de varios incommodos e infinitos trabalhos. Com a triste e cruel destruição d'estes navios, não teve logar o transporte para Lisboa do resto das mercadorias da nau Malaca, e nós deviamos ainda esperar occasião mais opportuna. Porém os feitores da pimenta, e os donos das outras mercadorias salvas da nau Malaca, que na Terceira guardavamos, como

já outra esperança lhes não restasse, impetraram do rei com muita difficuldade licença para carregarem navios sob sua responsabilidade, para trazerem a Lisboa as mercadorias; e deram fiança e fiadores de como as levariam em Lisboa para a casa da India, para que o rei percebesse os tributos, e que do mesmo modo receberiam na Terceira aquellas riquezas por inventario. Por isso os conductores da pimenta mandaram á Terceira um certo habitante de Flessing, a quem cederiam a peso o cravo, a canella, noz moscada, e outras especiarias, sómente no caso de ser negada a licença de levar a pimenta, a qual o rei ainda não concedera. Isto passava-se pelo fim de novembro, e porque o tempo fosse então perigoso, e o mar livre de navios inglezes, dispostas as coisas com muita pressa, deu-se á vela para Lisboa. Eu vinha tambem, e nenhuma novidade houve além do encontro de dez navios hollandezes carregados de cereaes, que se dirigiam para Lyorne, porto d'Italia. Assim, com o favor de Deus, entrámos no rio de Lisboa no segundo dia de janeiro do anno de 1592 tendo decorrido nove annos desde que partira d'aquelle mesmo porto.»

—
Talvez o espirito do leitor se sinta cansado com estas antigualhas, que instruem mais do que delectam. Não admiramos isso, e assim mesmo devera ser em terra e tempos em que os estudos serios não tem incentivo nem premio. Entretanto, por seu proprio bem, e bem geral, resigne-se a tragar de tempos a tempos d'estes amargos, que, nem por muito repugnarem aos doentes, e lhes serem applicados quasi violentamente, deixam de produzir a desejada cura, e resurreição.

(1589)

É ainda João Hugo Lintschoten, que vamos ouvir no seu *Itinerario ás Indias orientaes*, a respeito dos successos que n'este anno passavam nos mares e ilhas dos Açores. Ahi vae em lingua vulgar, o que até agora só corria em idiomas peregrinos.

«Avistam a ilha das Flores — Miséria dos companheiros de navio — Morte — Os navios inglezes accommettem a esquadra — Investem com a embarcação em que ia João Hugo — Estação perigosa junto á Terceira na qual, não obstante, obrigada pela necessidade, a armada da India entra — Uma grande tempestade accommette os navios. Perde-se a nau de Malaca — João Hugo com varios outros fica na Terceira por causa das mercadorias da nau de Malaca.

«... XIX (18 de julho de 1589) estavamos na altura de trinta graus, em que demoram as ilhas do Corvo e Terceira, e o rio de Lisboa. Em todos estes dias incommodaram-nos muitas calmarias; porém no dia immediato deu-nos vento prospero do occidente. Apareciam então muitos peixes voadores, do tamanho d'asellos pequenos. A 22 com o mesmo vento avistámos a mencionada ilha das Flores, e a que chamam do Corvo para a parte de cima; muito proxima.

«D'aquí para les-sueste, até a ilha Terceira contam-se setenta leguas. N'este tempo todos os homens no nosso navio estavam debilitados por longas misérias, e exhaustos pela fome, porque quasi todos os mantimentos estavam corrompidos: eram vexados por varias especies de doenças, nos olhos, e no peito, e as gengivas atacadas de podridão, porque muitos por falta da agua doce cozião o arroz com agua do mar. Achavam-se por tanto alguns mortos debaixo do convez já ha tres ou quatro dias, com os ca-

daveres inteiriçados, o que na verdade era um lugubre espectáculo. Assim nos morriam de ordinario quatorze homens de molestia, entre prisioneiros e livres. No mesmo dia pela tarde, como nos aproximavamos ás ilhas do Corvo e Flores, avistámos tres velas, que nos causaram não pequena consternação. Procuravam porém a nossa nau almirante, e, assim como a ella, faziam a miudo tiros sobre as outras da esquadra, do que facilmente deprehendemos que eram cruzeiros britannicos, e pelo galhardete que tremulava com signaes inglezes. D'esta formá calculámos um cruzeiro de trinta vasos. Acompanhavamos de noite, em quanto navegavamos á claridade da lua perto da ilha do Fayal; e no dia immediato, entre a ilha de S. Jorge, que demorava á direita, e a Graciosa, que nos ficava á esquerda, a armada dos inglezes continuava a seguir-nos. Depois de deliberarem, um dos cruzeiros apartou-se fazendo-se ao largo. Julgara que algum dos nossos navios ficara para a retaguarda avariado. Porém voltou logo, e tomando novo conselho atacaram o nosso navio, que n'esta occasião estava perto da praia da ilha de S. Jorge, para nos fazer encalhar em terra, e causarem á nau um damno memoravel, para o que tres vezes nos cercaram. Era certa a ruina porque os inglezes nos accommettiam com peloiros e balistas, e estavam consternados os animos de nós todos, a quem o conhecimento manifesto do perigo incutira grande temor; e aquelles estrondosos tiros dos peloiros tinham despedaçado as velas, e iam entrando no proprio navio. Nenhum dos nossos ousava mostrar-se, e tamanha era a bulha no navio, que dirieis uma grande confusão de homens e coisas, e disparada uma peça eramos obrigados a dar a borda para carregal-a de novo no que se levava uma hora. O resto dos navios, não lhe importando conosco, a panno largo demandava o porto com quanta diligencia podia. No entanto aproximavamos-nos da Terceira, e por isso a armada dos inglezes afastou-se com grande contentamento nosso.

« Outro cuidado porém affligia o nosso espirito, ácerca do estado da mesma ilha Terceira, tanto mais que não viamos n'ella nenhuma caravela portuguezas, e ignoravamos de que modo se defenderia, uma vez que não apparecesse nenhuma das costumadas armadas portuguezas, pelo que os inglezes (como se disse) divagavam á roda com toda a liberdade. Não menor era a anciedade que havia na ilha Terceira, porque se suspeitava que nós eramos estrangeiros e inimigos, mandados da esquadra britanica afim de occupar a ilha, porque os inglezes arriada a bandeira se juntaram aos nossos, e se aproximavam como fazendo parte da mesma esquadra. Portanto os insulares lançaram fora duas caravelas, (que tinham sido mandadas pelo rei com ordens ás naus da India) para que nos observassem, e depois que conhecessem que eramos amigos, se aproximassem sem medo algum. Dos bergantins inglezes foi vista esta presa, e portanto anteciparam-se e accommetteram as caravelas, ás quaes importava a apparencia d'amizade, se com tiros da nossa esquadra não as prevenissemos. Avisadas por este signal se acolheram á terra. Os inglezes apenas conheceram isto fizeram-se ao mar abandonando-nos, e as caravelas aproximando-se annunciaram que todos os insulanos estavam em armas receosos do inglez Drack que (segundo novas vindas de Portugal) meditava invadir a ilha. Tambem annunciavam a desgraçada derrota da armada hespanhola nas costas de Inglaterra, e que os inglezes tinham apparecido nas aguas

de Lisboa. Portanto queria o rei que estacionassem na Terceira, e que ahí esperassem novas ordens suas, porque a navegação para Lisboa não era segura. Esta noticia encheu de tristeza toda a armada, porque o ancoradouro das esquadras perto da Terceira é de tamanho perigo como nunca experimentaram as naus da India no mar largo. Deitaram comtudo as lanchas fora, não só para recreio, mas tambem para concerto, entortando no entanto a viagem. Era porém urgente a ordem do rei e manifesto o perigo, porque o inglez conde de Cumberland, seguido de alguns navios de guerra, infestava aquelles mares. Portanto a 24 de julho, dia de S. Thiago, as nossas naus, seis em numero, isto é cinco da India Oriental, e uma de Malaca, lançaram ferro, junto á fortaleza do presidio, em frente da cidade d'Angra da ilha Terceira. D'aqui logo mandámos tres ou quatro caravelas que certificassem o rei da nossa chegada, e pedissem as suas ordens. Tinhamos grande medo d'este porto, porque no principio do mez de agosto as tormentas são aqui de grande força, e quando venta sul ou sueste a praia é varrida do sul ao nascente, sem nenhuma defesa ou cobertura: assim accommettem com força prodigiosa os navios, principalmente os da India Oriental que são os maiores, e mais difficeis de governo pelo demasiado peso.

Continua.

OS BALÕES.

Montgolfier, que l'Europe entière
Ne saurait assez révéler,
A des airs franchi la carrière,
Quand l'oeil de ses rivaux cherche à la mesurer.

Olha o balão! eis o grito que milhares de boccas repetem em côro, quando nos ares se apresenta alguma d'essas machinas saida da praça dos toiros ou do Salitre; e todos os olhos se assestam para o lado do globo de papel ou de tafetá, e o vão seguindo até o verem esconder-se, ou ardendo cair feito pedaços. Este espectáculo que qualquer pode presenciar n'um domingo ou dia santo, sobretudo no Passeio Publico, faz-nos entristecer; deitar aos ares em 1856 um balão tendo por baixo um cesto cheio de palha que vae a arder, não é para corar de vergonha diante dos milhares d'estrangeiros que estão em Lisboa? julgamos que sim.

Pois o balão que tem já prestado serviços importantes, é para se apresentar apenas como objecto de curiosidade pueril? não deve ser; é fazel-o descer da sua dignidade, e por isso viemos aqui n'um artigo semi-serio desaffrontar o balão, ludibriado pelos empresarios de todos os espectaculos em que se lançam sem o devido respeito e consideração.

Vejamos o que o balão foi, o que é, e o que pode vir a ser.

Montgolfier nous apprit à créer un mage
Son genie étonnant aussi hardi que sage
Sous un immense voile enfermant la vapeur
Par sa capacité détruit la pesanteur
Notre audace, bientôt en saura faire usage,
Nous soumettons de l'air le mobile élément,
Et des champs azurés le perilleux voyage
Ne nous paraîtra plus qu'un simple amusement.

D'onde veiu o balão?

Estevão Montgolfier fabricante de papel, acabava de ler as obras de Priestley, cuja leitura lhe fez nascer a idéa da possibilidade de subir ao ar encerran-

do n'um espaço um gaz mais leve que o mesmo ar. Começou a fazer experiencias com José seu irmão, e a 5 de junho de 1783 fizeram subir aos ares um grande balão de papel, cheio d'ar dilatado pelo calor. Foi em Annonay na França que a experiencia teve logar, e com magnifico resultado.

Antes dos Montgolfiers alguns ensaios se tinham feito mesmo em Lisboa, onde dizem que na presença de D. João v, um tal Gusmão subiu ao ares n'um cesto de verga coberto de papel, tendo por baixo da machina um brazeiro aceso, mas que batendo d'encontro á beira d'um telhado caíra sem grande accidente. Como era de suppor, a inquisição não podia deixar em descanso um homem que tinha a pretensão de voar; mandou-o encarcerar como feiticeiro e foi necessaria a protecção do monarcha para o livrar da fogueira: assim a prioridade da invenção é disputavel.

O que vae dito não tira a gloria aos Montgolfiers que sabiam tanto das experiencias feitas em Lisboa como nós do que se passa no celeste imperio apesar dos jornaes.

Il était autant plus douteux que tous les journaux l'ont affirmé, dizia um autor cujo nome me não lembra, n'um pamphleto que li não sei onde, o que pouco importa para o caso.

É escusado dizer qual foi o effeito da experiencia dos Montgolfiers. Os poetas o cantaram em versos de todos os feitios, os periodicos não se cansaram de os elogiar, e todos os amigos do progresso desejaram ter occasião de admirar a oitava maravilha do mundo. Pouco depois veiu o desejo de ser transportado n'uma d'estas machinas; mas poucos tinham a coragem de encetar o caminho.

Para a primeira ascensão do homem preparou-se uma machina apparatusa e de grandes dimensões, ornada com os doze signos do zodiaco, côr de oiro, cercada na parte superior de flores de liz, e guarnecida inferiormente de aguias com as azas abertas: no meio estavam as iniciais do rei cercadas de soes. Na parte inferior do balão havia uma galeria de vinte e cinco pés de diametro aberta no centro, onde se prendiam as cadêas que suspendiam um vaso de ferro onde se queimavam as substancias que deviam pelo calor produzido na combustão fazer dilatar o ar contido no balão.

Na machina que acabamos de descrever subiu mr. Pilatre de Rozier, e observou que era facil subir ou descer conforme se augmentava ou diminuia o fogo. O balão estava captivo, isto é, preso por cordas.

Depois mr. Giroud de Villette, e mais tarde mr. Arlandes, acompanharam Rozier.

Algumas senhoras da primeira nobreza da França não quizeram que a gloria das ascensões aerostaticas fosse só do homem; aguilhoadas pela curiosidade que era extraordinaria em todos, e muito maior no bello sexo, e pelo desejo de gloria decidiram subir n'um balão.

Foi o rei quem mandou preparar a machina que devia transportar tão preciosa carga, como eram a marqueza de Montalembert, a condessa de Montalembert e de Podenas e mademoiselle de Lagarde, com os marquezes de Montalembert e d'Artaud de Bellevue. A descida fez-se sem accidente. Até então só tinha servido o balão captivo, grande desejo havia de experimentar o balão livre; foi o que teve logar pouco depois.

Pilatre de Rozier e o marquez d'Arlandes partiram no dia 21 de novembro de 1783 do jardim de la Muette á uma hora e cincoenta e quatro minutos

da tarde. A viagem em um balão livre correu bem graças á coragem dos dois aeronautas que collocados sobre um rio difficil de atravessar, a phrase que lhes saiu dos labios foi: eh bien! mon cher ami, du feu; palavras que indicam a placidez d'animo no momento d'um perigo imminente. Em dezeseite minutos correram uma distancia de quatro mil toezas.

Os balões d'ar rarefeito eram mui perigosos, e difficeis de conduzir; além do cuidado com que se devia regular o fogo, havia o perigo do incendio. O emprego d'um gaz mais leve que o ar já tinha lembrado; porém em balão de papel não era possivel usal-o com vantagem. Carlos, physico francez, substituiu o papel pelo tafetá impermeavel, e encheu um balão de gaz hydrogenio onde subiu a 1 de dezembro de 1783. Todo o povo de Paris se dirigiu ás Tuherias, um vasto amphitheatro recebia os espectadores que se muniam d'um bilhete que se comprava por alto preço.

Carlos tinha inimigos, e os que lhe faziam mais guerra eram os seus collegas, como succede sempre, eram os Montgolfiers. Epigrammas sem numero se espalharam entre os espectadores, chegaram mesmo a alcançar do rei uma ordem prohibindo a ascensão, ordem que foi retirada pelas reclamações que o aeronauta fez mostrando os compromissos que tomara com tanta gente, a sua honra compromettida, etc., afinal sempre subiu. O spectaculo impressionou extraordinariamente inspirando a mais d'um poeta; os versos que mais circularam foram os seguintes:

Revenez nation légère,
De vos soupçons injurieux
Voyez ramper l'envie a terre,
Et Charles s'élever aux cieux.

Les Anglais, nation trop fiere
S'arrogent l'empire des mers;
Les Français, nation légère,
S'emparent de celui des airs.

O entusiasmo era extraordinario, as primeiras notabilidades de Paris foram comprimentar o celebre physico, as academias lhe concederam diplomas, o governo pensões, e commendas assim como aos Montgolfiers. O caminho achava-se aberto, as ascensões se multiplicaram, e as mais notaveis foram as que Gay Lussac executou primeiro com Biot e depois só em 1804 elevando-se até á altura de sete mil e dezeseis metros acima do nivel do mar.

O balão começara a passar para o serviço dos sabios e alguns homens scientificos dos mais notaveis de diferentes paizes fizeram ascensões como Humboldt, Bompland e outros, para estudarem os phenomenos que se passavam nas altas regiões da atmosphera, para observar o interior dos volcões, etc.

Hoje, (a não ser entre nós,) só se usam balões cheios de gaz d'illuminação, não porque o hydrogenio não seja mais leve, mas porque o primeiro é barato, está sempre prompto e na quantidade que se quer uma vez que na localidade haja illuminação a gaz. Todos conhecem a disposição do balão, é uma grande esphera de tafetá ou de baudruche impermeavel tendo na parte superior uma valvula e inferiormente uma pequena abertura. Um cesto de verga bastante leve suspenso ao balão por uma rede de corda que o envolve, serve para transportar os viajantes. O balão tem de ordinario quinze metros d'altura, onze de diametro e é de perto de seletentos metros cubi-

cos de capacidade; pesa então trezentas libras pouco mais ou menos.

Logo que o balão está cheio de gaz, operação que se executa pondo a abertura inferior em communição com um tubo por onde elle vem do gazometro, cortam-se as cordas que o prendem a postes de madeira fixos no terreno, o balão eleva-se porque é mais leve que um equal volume d'ar. Chegando a certa altura não sobe mais, porque seu peso está equilibrado. Se o aeronauta quer subir, deita fora saccos d'areia que leva no cesto, para servirem de lastro, o balão ficando mais leve, sobe. Quando o viajante quer descer, puxa uma corda que se prende á valvula da parte superior, esta abre-se, entra o ar no balão a misturar-se com o gaz, e a machina tornando-se mais pesada, desce.

A navegação aerea é ainda um problema, porque nenhum dos muitos meios propostos para dar direcção aos balões satisfaz cabalmente; apesar de tudo, é provavel que venha a resolver-se e talvez nos nossos dias. Além dos balões lançados nos espectaculos publicos como objecto de divertimento, os balões podem ser de util emprego em alguns casos; assim para conhecer qual é a direcção dos ventos nas diversas regiões da atmospherica, podem lançar-se pequenos aerostatos que pela direcção que tomam nos indicam a do vento.

Querendo estudar a electricidade atmospherica podemos lançar pequenos balões a que vão presos fios metallicos do mesmo modo que se faz com os pagaios de papel.

Podem servir para enviar cartas, por exemplo, para uma cidade sitiada, ou d'esta para fora, para fugir de qualquer localidade, para observar os exercitos inimigos, para estudar a configuração de um terreno desconhecido, e como já dissemos, para o estudo dos phenomenos caloriferos, luminosos e outros das altas regiões da atmospherica.

Assim observa-se que a uma grande distancia da terra, como aquella a que Gay Lussac subiu, e que mr. Green ultrapassou, ha um frio insupportavel; o thermometro marca alguns graus abaixo de zero, quando na planicie havia calor intenso; ha uma escuridão notavel, a circulação e respiração acceleram-se d'um modo extraordinario, o papel e outras substancias hygrometricas encarquilham pelo estado de secura do ar, os sons não se ouvem, os individuos que se acompanham nos balões não se ouvem, o effeito d'este silencio de morte deve ser terrivel.

S.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XLIV

Dos pregadores que havia nesta ilha, e do que succedeu a um delles, e de seus pareceres.

Havia nesta ilha os pregadores seguintes: o doutor mestre Agostinho, que tenho atraz nomeado, homem de grande fama e nome; frei Pedro da Madre de Deus, da mesma Ordem; o licenceado Amaro Lopes da Costa, clérigo Thesoureiro mór na Sé desta Cidade de Angra; o doutor frei Antonio Varejão, outrossim da ordem de Santo Agostinho; frei Simão,

da Ordem de S. Domingos; o padre frei Manuel Marques, commissario dos conventos destas ilhas do Serafico S. Francisco; frei Melchior, da mesma ordem; outro pregador clérigo, que era vigario de Nossa Senhora do Calbau, da ilha da Madeira; outro padre da Trindade, pregador na Villa da Praia; o licenceado João Luiz Homem, vigario da mesma Villa; e outro pregador frade de S. Francisco. Destes padres, todos lettrados e bons pregadores, havia entre todos diferentes pareceres, porque havia mais no Collegio quatro ou cinco pregadores, que os não deixavam pregar, por que se tinham declarado contra os que eram da opinião do snr. D. Antonio, antes lhe tinham tapado as portas de pedra e barro, e janelas, porque com ellas não houvesse communição alguma. Os padres doutor mestre Agostinho, frei Melchior, frei Manuel Marques, frei Simão, Amaro Lopes da Costa, estes se declaravam e pregavam publicamente pelo Snr. D. Antonio, e os que erão da sua opinião que acertavam, animando-os que pelejassem por elle. O padre Fr. Pedro da Madre de Deus assim o fez no principio, té pelejar na casa da Salga em um cavallo. Depois tornou a barlaventear e foi preso. O Doutor Fr. Antonio Varejão logo se declarou contra a opinião do Snr. D. Antonio, e o traziam entre dentes. O licenceado João Luiz Homem era da mesma opinião do Padre Fr. Antonio Varejão, e o prenderam, e preso esteve té a entrada da ilha pelo marquez de Santa Cruz. Os mais todos pregavam em favor do Snr. D. Antonio. O Padre Fr. Simão, que era da ordem de S. Domingos, veio a esta ilha como procurador da ordem a cobrar muita quantidade de Fazenda de Fernão Dias, que tocava a um filho seu da mesma ordem, o qual Fr. Simão depois que fez partilhas e a cobrou tomou casa e com ella levava tão boa vida e hospedava, que cuidou que em breve tempo lhe deu cabo. Este padre nas pregações que fazia por sernelhas nomeava muitas pessoas, que era entendido, sem as nomear, pelas confrontações que dava; e em uma pregação quasi que nomeou a um Martim Simão de Faria, e o queria fazer com o povo odioso, para que o tivessem por suspeito contra o serviço do Snr. D. Antonio, e não era tal. E vindo á noticia do ditto Martim Simão, que era Capitão de uma companhia, o achou na praça e remetteu a elle com a espada nua para o matar. O bom do frade apanhou as abas na mão e botou a correr, era homem mancebo, e o Capitão de mais de quarenta annos apos elle, e elle á voz d'el-rei que lhe acudissem. Acudio muita gente; tiveram mão em Martim Simão com muita força, e o Padre que lhe valeu ter bom pé. Só disto ficou o ditto Fr. Simão tão atormentado que não quiz prégar mais.

Fora estes pregadores havia outros que se calavam e não pregavam em cousa que tocasse aos principes e reis.

XLV

De como fizeram a Sé vacante.

No anno de 1582 estava o bispo D. Pedro de Castilho na ilha de S. Miguel, e deixou nesta cidade por Provisor e Vigario-geral ao licenceado Roque Dias, e como a ilha de S. Miguel se reduziu ao serviço d'el-rei Philippe sem fazer caso desta, logo se dice que o fez por ordem do Bispo D. Pedro de Castilho. O licenceado Roque Dias era homem callado e muito dos padres da Companhia, e nunca saía do Collegio. Depois, porque os padres se tinham declarado neste caso, e dizerem que era escusado nesta

ilha quererem sustentar a opinião do Snr. D. Antonio, mandaram-lhes tapar as portas, e que pessoa alguma tivesse com elles communicacão. Retirou-se o licenciado Roque Dias e se foi para a Aqualva. Não havia quem ministrasse justiça pelo ecclesiastico, nem elle ousava administral-a. Ordenaram o cabido, com os mais clerigos da ilha, de fazerem Sé vacante; formaram culpas contra o Bispo, em como era contra seu Rei natural; foram-se por opiniões dos letrados do seu intento; fizeram Sé vacante sem darem obediencia ao Bispo; fizeram então o licenciado Amaro Lopes da Costa Provisor e Vigario geral. Neste tempo estava preso Luiz Lopes de Maiorga, Conego da Sé, e o mestre escola; estes não consentiram no tal: aos mais custou depois caro; muitos foram suspensos das dignidades, outros das Conexias, outros morreram por terras alheias em degredo, e de todos os Conegos e dignidades não havia nenhuma, senão o Arcediago, que no ditto tempo estava na ilha de S. Miguel; isto té a era de 1611. Eram no ditto tempo Deão da Sé desta cidade Luiz de Figueiredo de Lemos, que então estava na ilha de S. Miguel, na cidade de Ponta delgada, por vigario de uma freguesia de S. Pedro, e inda não tinha tomado posse do Deadego, e depois que estava servindo o Deadego foi eleito por Bispo da ilha da Madeira, e se chamava D. Luiz de Figueiredo. Era Arcediago o licenciado Manuel Gonçalves Pacheco, que ainda é vivo; era chantre Manuel Gonçalves de Cea, que estava no tal tempo em Lisboa; e Thesoureiro era o licenciado Amaro Lopes da Costa, que atraz tenho nomeado; mestre-eschola era o licenciado Antonio Amadis; Conegos Alvaro Luiz de Maiorga, Bartholomeu Fernandes, Alvaro Fernandes, Thomé Valadão, Francisco Alvares, Luiz da Rocha, Gaspar Antunes, Hieronimo Dias, Balthazar da Fonseca Tavares, o Fonceca o Velho, Antonio Marques; meios conegos Melchior Gaspar, e outros, que já me não lembro, que todos são fallecidos.

XLVI

De como veio de França uma nau no mez de Junho de 1582 com recado em como vinha o Snr. D. Antonio a esta ilha, com uma grossa armada, ou armadas.

No mez de Junho do anno de 1582 veio uma nau franceza a esta ilha, aonde vinha um Gaspar Dias portuguez; e vieram outras duas naus maiores, onde veio um grão capitão francez por nome Lendreo; e trouxeram novas que o Snr. D. Antonio vinha com uma grossa armada de França a esta ilha e outra armada de Inglaterra. Isto metteu tal alvoroço na terra que se não podia crer, por que d'antes tinham vindo novas com cartas da rainha mãe, que as armadas se faziam para de lá irem a Lisboa; e com est'outra nova não o podiam crer. Tomaram os moradores da ilha isto por grande festa vir o principe, nomeado e obedecido por elles por rei, ás ilhas. Ordenaram logo de fazer uma ponte de madeira na ponta do cais da cidade, com suas escadas que iam dar na agua, madeira toda de cedro, como fizeram, e por grande engenho e com bons officiaes. Ordenaram as casas onde estava Manuel da Silva com bons adereços: ordenou-se pessoa para lhe fazer a pratica; e os officiaes da Camara ordenaram que a pratica a fizesse Fr. Pedro da Graça. E já estava isto sentado em Camara, veio o povo a sabel-o, e como do ditto Fr. Pedro se murmurava, já quasi que se amotinaram, e fizeram petição a Manuel da Silva, dizendo

que o ditto Fr. Pedro estava tido e hayido por suspeito contra o serviço do Snr. D. Antonio, e que fosse o Padre Fr. Melchior, ou o Licenciado Amaro Lopes da Costa ou Fr. Simão. Mandou o ditto Manuel da Silva que respondessem os Officiaes da Camara á ditta petição, e lhe dessem despacho. Sendo notificados os Officiaes da Camara, se queriam ajuntar em Camara, e o povo não havia mais que pôr-lhe o fogo, em tanto que vivendo Ciprião de Figueiredo ao longo da praça, e vendo o desatino do povo se saio fora da casa, e aquelles que vio mais atoadores os prendeu, e mandou metter na cadeia e se tornou a recolher, e havia poucos ali, de que se arrependeu bem, por que logo em continente Manuel da Silva os mandou botar fora da cadeia, por que se vinham amotinando todos os da cidade contra o mesmo Governador, de maneira que o mesmo Fr. Pedro pedia, e pelos aquietar veio dizer a Camara publicamente, que elle não queria fazer a pratica, e pedia muito o escusassem disso. E com isto se aquietou o povo, e pelo que depois succedeu nem o Snr. D. Antonio veio pela ponte que estava muito bem feita de madeira, porque veio por outra parte.

XLVII

De como mandaram desta ilha um batel á de S. Miguel a saber novas.

Mandaram no fim do mez de Junho do anno de 1582 um batel de remos com seis arcabuzeiros dentro, que fossem á ilha de S. Miguel, e se fossem onde os bateis estivessem pescando, e tomassem delles falla, e trouxessem um homem para se saber novas, porque tinham por noticia fazerem-se duas armadas em Lisboa para virem sobre esta ilha. Foi o batel e se poz a pescar em lugar onde viesse ter algum. Passando um, que era da ilha de Santa Maria, e para lá ia, se chegaram a elle, e lhe tomaram um homem por força, e o trouxeram. Era mancebo, solteiro, veio de boa mente, por que não podia al fazer nem resistir, o qual nesta cidade contou tudo o que se passava na ilha de S. Miguel, e que eram chegadas quatro naus biscainhas com seiscentos soldados, e por capitão dellas D. Lourenço, que vinha para ajuda da defensão da ilha por terem por nova haver armada em França, e Inglaterra que vinha ás ilhas. E que outro sim era chegado Pedro Peixoto com uma armada de Portugal, que vinha a correr as ilhas, e que estava junctamente ancorada com as naus biscainhas, e a gente em terra, e D. Lourenço com os soldados Castelhanos mettidos todos na fortaleza. E que a gente da ilha toda estava apercebida com suas armas, e que tambem estavam esperando por armadas de Lx.^a que vinham sobre esta ilha Terceira, por se não querer reduzir ao serviço d'el-rei Philippe. Contou o mancebo tudo o que sabia e tinha lá visto. Ouvido, mandaram no vestir, e lhe deram armas, e o metteram na companhia de Ayres de Pava. E assim faziam a todos os homens portuguezes, que vinham a esta ilha Terceira.

XLVIII

De como veio nova ser chegado o Snr. D. Antonio á ilha de S. Miguel, e do que lá lhe succedera.

Em o mez de Julho do anno de 1582 chegou um patacho francez ao porto desta cidade de Angra, e contou que o Snr. D. Antonio era chegado á ilha de S. Miguel com uma armada franceza de perto de set-

tenta velas, e que botara em terra onde se chama Rosto-de-cão cinco mil francezes; e que lhe fôra ao encontro muita gente de D. Lourenço com seus soldados; e que o Bispo D. Pedro de Castilho com os mais nobres da cidade estavam recolhidos na fortaleza; e que os francezes fizeram retirar a D. Lourenço com seus soldados, e elle mal ferido de que morreu, e outros soldados mortos; e que quando D. Lourenço se quiz com os soldados recolher em a fortaleza lhe não quizeram abrir, e que o Bispo D. Pedro lhe abriu por força dos que estavam dentro; e que dentro morrera o ditto D. Lourenço; e que andando se ordenando modos para combaterem a fortaleza, e o Snr. D. Antonio Senhor da terra parecera a armada de el-rei D. Philippe; e os francezes largaram tudo e se foram a ella, e como a armada de Portugal era bôa e toda bem unida, e os francezes canalha, e gente falsa não quizeram pelejar, e que era morto o conde de Vimioso D. Francisco e Philippe de Strozzi e outros fidalgos francezes. E foi tanto o estrago em uns e outros, e as armadas apartadas com perda de muita gente, e navios. E nisto começaram a ver velas, e outros, que não chegaram cá, e se tornaram para França. Esta nova entristeceu muitos, e muita gente desanimou d'os animos que muitos tinham, e da morte do conde de Vimioso e de Philippe de Strozzi, e de outros fidalgos que o marquez de Santa Cruz mandou degolar em terra, que tomou na nau de Philippe de Strozzi. As quatro naus que estavam no porto de Ponta-delgada tomou o Snr. D. Antonio, e vieram para o porto desta cidade; e Pedro Peixoto deu com a sua á costá por se não ajudarem della, e se metteu na fortaleza com o bispo D. Pedro de Castilho e com os mais.

XLIX

De como veio nova a esta cidade estava o Snr. D. Antonio desembarcado nesta ilha e que estava em nossa Senhora da Guadalupe.

Havia nesta cidade de Angra um Francisco Gonçalves, por alcunha o *Versas*: era sapateiro, o qual estava preso por fallar algumas cousas contra o Snr. D. Antonio. Fallando-se perante elle, que havia o Snr. D. Antonio vir a esta ilha, dice o ditto Francisco Gonçalves: *Vir-vos-há cá por Valdelinhares!* por zombar. E estando para o receberem no porto e caes da cidade, com todo o custo feito, por dizerem que desembarcava na villa da Praia, e por terra fôra ter a Nossa Senhora da Guadalupe, e que ja vinha por Valdelinhares, foi tanta a festa entre muita gente, que não deixavam o ditto de Francisco Gonçalves, que o que dizia zombando saía de veras. Este logar de Valdelinhares é na freguezia de S. Bento ao longo da cidade, acima da igreja quando vão para o norte. Foram-no receber logo ás portas dos muros de S. Bento, que é o cabo da cidade. Vinha em sua companhia muita gente da capitania da Praia, muitos fidalgos, capitães, assim da ilha, como dos que vinham com elle de França. Foi lhe feita a pratica por um cidadão nobre dos que traziam as varas. Veio em uma faquinha debaixo do paleo. Manuel da Silva trazia as redeas da faquinha. Elle vinha vestido de preto. Assim veio com muita gente de pé e de cavallo atravessando a cidade. Homens e mulheres lhe saíam á rua com grandes festas, e assim o levaram té os paços, que são os do marquez D. Christovam de Moura Corte Real. A cidade ardia com festas; as ruas todas armadas de verdura, e os

castellos e fortalezas todas dispararam a artilheria por vezes, e todas as companhias os mosquetes e arcabuzes; muitas festas de danças, chacotas, folias.

L

Do que aconteceu quando o Snr. D. Antonio vinha na armada para estas ilhas.

Quando vinha o Snr. D. Antonio na armada de França para estas ilhas, vinha caminhando e trazia navios muito ligeiros, que quantos navios iam de uma parte para outras todos tomavam e traziam com sigo. Cuido que vieram pela altura da ilha da Madeira, e ia um navio para Lisboa e nelle ia um Gaspar de Gambaia, que tinha sido Corregedor na ditto ilha, e se ia depois de lhe ter tomado residencia; e ia em sua companhia um padre clerigo, pregador e vigario de N.ª S.ª do Calhau. O pobre Corregedor foi mofo em ser tomado. O Snr. D. Antonio, o trouxe consigo, e dizendo-lhe que o viesse servir que elle lhe faria muitas mercês, e assim ao padre vigario pregador. E achando-se por muito ditosos nesta cidade o fez logo Corregedor e desembargador do Paço, e lhe botou o habito de Christo. O pobre Gaspar de Gamboa se metteu tanto no serviço do Snr. D. Antonio, e sentenciando homens á morte; e parecia homem bem creado: que quando se entrou a ilha pelo marquez de Santa Cruz foi tomado com outros muitos, e parece que foi malsinado, que o enforcaram com outros muitos. Lastima se leve do pobre Corregedor.

Continua.

Os escriptores assalariados, de ordinario, são como as rameiras; prostituem-se a quem lhes paga.

Se todos os homens pensassem no que são, e hão de ser, não haveria soberbos, nem orgulhosos.

Infeliz é o homem, que não tem invejosos.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.